

**DE PORTUGAL À ÁFRICA: APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO NO
(DES) INTERESSE DA NARRATIVA QUEIROSEANA**

Autor: Marco Antônio Fuly (UFRJ)

Orientador (a): Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva (UFRJ)

Resumo

Este artigo procura mostrar o modo de como o escritor português Eça de Queirós lidou com o tema relacionado à África no final do século XIX. No reportar-se ao período em que Portugal passava por acentuadas crises política, econômica, social e institucional dentro de seus termos, sendo estas potencializadas por emblemáticas questões externas, como a necessidade de consolidar a colonização no espaço africano e equacionar a afronta estabelecida pelo Ultimato Inglês, o presente trabalho tem a intenção de ser uma reflexão a respeito das diferentes perspectivas do pensamento queiroseano no que tange à experiência desse autor – também diplomata e realizador de incontáveis viagens, inclusive à África, que lhe renderam valiosas experiências interculturais – com as pautas relacionadas a este continente. Neste sentido, o registro do seu assumido descontentamento para com os rumos que a nação portuguesa estava tomando naquele conturbado fim de século e, por extensão, a indisfarçável visão etnocêntrica do homem europeu, que concebia o ente africano como um elemento diferente que habita um lugar distante e selvagem, serão pontuados aqui em três instâncias: a literária, que se dará pela análise do romance *A Ilustre Casa de Ramires*, no qual a personagem Gonçalo Mendes Ramires resolve aventurar-se em África; a política, que será orientada pela expressa discordância do escritor com a insistência de Portugal em explorar as colônias africanas; e pela via exótica, demonstrada, com certa ironia, em um artigo escrito pelo próprio Eça de Queirós intitulado *A Decadência do Riso*, publicado no ano de 1891, no jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*, no qual fica sugerido que o autóctone africano é um ser inusitado.

Palavras-chave: África, crise, Eça de Queirós, Portugal, narrativas.

DE PORTUGAL À ÁFRICA: APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO NO (DES) INTERESSE DA NARRATIVA QUEIROSEANA

Marco Antônio Fuly (UFRJ)

*“Não pode haver ligação de almas
onde não exista identidade de
ideias, de crenças e de costumes.”
(Eça de Queirós)*

Com muita propriedade, M. Amadou-Mahtar M’Bow (2011), em *História Geral da África*, afirma que durante “*muito tempo, mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo a real história da África. As sociedades africanas passavam por sociedades que não podiam ter história*” (p. 21). Conclui-se a partir desta visão que o continente ficou fadado ao distanciamento, não só geográfico, mas, também, em outras instâncias, inclusive no que diz respeito ao processo histórico-cultural. Contudo, desde a aproximação do homem europeu com o ambiente africano, em 1482 — aventura atribuída ao navegador português Diogo Cão —, existe o entendimento de que se trata de um lugar imenso e heterogêneo. Qualquer reflexão sobre a África, seja ela em qual nível for, não logrará bom êxito sem considerar esta assertiva. É a partir dessas considerações que refletiremos a propósito de três momentos em que Eça de Queirós fez alusão ao mundo africano. Tais momentos, conclui-se, servem também como referências interessantes para compreendermos um pouco mais da visão da sociedade europeia para o então *distanciado e desconhecido* território. Analisaremos, assim, a postura demonstrada por esse notório escritor diante de um tema que se revelou emblemático e caro, principalmente a Portugal, naquele último quarto do século XIX. Por ordem, abordaremos primeiramente a pauta em questão pelo viés literário. Em seguida, veremos a sua posição política. E, por último, refletiremos a respeito de um posicionamento, um tanto exótico, revelado a partir de um artigo escrito pelo próprio autor cuja publicação deu-se em 1891.

A despeito da indisfarçada ironia, da crítica explícita à sociedade portuguesa e das questões conflitantes que atravessam as narrativas queiroseanas, percebe-se no romance *A Ilustre Casa de Ramires*, publicado em 1900, após a morte do escritor, uma pauta um tanto incomum (ou inexistente!) na literatura europeia do final do século XIX:

A questão africana. A este respeito, tentando entender à luz da literatura o modo como Eça de Queirós tratou o assunto, no início do capítulo XI lê-se a seguinte passagem:

Quando Gonçalo, estafado e já todo o ardor bruxuleando, retocou este derradeiro traço da afronta – a sineta no corredor repicava para o almoço. Enfim! Deus seja louvado! eis finda essa eterna Torre de Ramires! Quatro meses, quatro penosos meses desde junho, trabalhara na sombria ressurreição dos seus avós bárbaros. Com uma grossa e carregada letra, traçou no fundo da tira Finis. E datou, com a hora, que era de meio-dia e quatorze minutos (p. 335).

No final deste mesmo capítulo o foco é outro:

Gonçalo Mendes Ramires, silenciosamente, quase misteriosamente, arranjava a concessão de um vasto prazo de Macheque, na Zambézia, hipotecara a sua quinta histórica de Treixedo, e embarcava em começos de junho no paquete Portugal, com o Bento, para a África (p.354).

E mais adiante, já no capítulo XII, que também marca a etapa final do romance, o narrador discorre a respeito do espaço de tempo da permanência de Gonçalo em terras africanas:

Quatro anos passaram ligeiros e leves sobre a velha Torre, como vãos de ave. [...]
Com efeito a Torre, entre a alvoroçada alegria de todos, enfeitava a sua velhice – porque no domingo, depois dos seus quatro anos de África, Gonçalo regressava à Torre.
[...] Quatro anos! Assim passados, e nada mudara no mundo, no seu curto mundo de entre os Cunhais e a Torre, e a vida rolara, e tão sem história como rola um rio lento numa solidão: – Gonçalo na África, na vaga África, mandando raras cartas [...] (p. 355).

Para fim de contextualização, as passagens supracitadas, dentro do romance, referem-se ao último empreendimento da personagem Gonçalo Mendes Ramires, um

fidalgo de Santa Ireneia, uma isolada província em Portugal, que nutre ao longo da narrativa o desejo de tornar notória a história dos Ramires, sua família. Por meio de uma novela, ele relata as aventuras de seus antepassados desde a fundação de Portugal até os seus dias. Durou pouco a ousada façanha de escrever; no entanto, o narrador a descreve com suntuosa dimensão, valorizando consideravelmente o tempo dedicado ao feito. Repara-se na narrativa o quanto os quatro meses de dedicação literária a essa “*eterna Torre de Ramires!*” são “*penosos*” a Gonçalo e a sua forma de escrever revela-se bem visível, pois foi elaborada com “*uma grossa e carregada letra*”. Fica bem claro assim que a novela histórica que o protagonista constrói lhe foi cara e exaustiva; demandou-lhe esforço e dedicação. Os adjetivos “*eterna*”, “*penosos*”, “*grossa*” e “*carregada*” conduzem o leitor à dimensão do quão representativo é este episódio para a personagem e, também, para o narrador. Por outro lado, como contraponto, repara-se que os quatro anos em África são descritos como “*ligeiros e leves*”, sem detalhes significativos. O narrador não se ocupa em descrevê-los nem sofisticá-los os adjetivos. Dentro ainda do tema africano nesse romance, a sua prima Maria, em carta endereçada a Graça, irmã de Gonçalo, “*escrevia sempre depressa, numa letra atabalhoada, com as linhas cruzadas*” (p. 360). Mais uma vez, percebe-se, que a opção por um certo distanciamento se faz notar; a escrita, a letra e as linhas do texto de Maria são acompanhadas de caracterizações depreciativas para o contexto, reforçando, sem dúvida, a predileção do olhar do narrador para o assunto relacionado à “*Torre de Ramires!*”, que é substancialmente mais ampliado; trata-se, afinal, do ponto principal da narrativa, visto que confere título à própria obra. Já a África, melhor dizendo, a partida e o retorno de Gonçalo da África ocupam plano secundário na narrativa, tanto no contexto da obra, como na prioridade da personagem (repare que tal evento, sem expressiva importância ao desenvolvimento do enredo, se dá após o término de sua novela). Curiosamente (ou a propósito, mais certamente!), os episódios africanos ocorrem nos momentos finais do livro, demonstrando, por assim dizer, um certo afastamento não somente do narrador, mas, pelo visto, também do próprio autor, embora reconhece-se aqui o aspecto simbólico sugerido. Não fosse a expansão artística de Eça de Queirós amalgamada a sua potencial intenção criativa de provocar reflexões críticas no leitor, bem como a sua percepção político-ideológica do momento histórico pelo qual atravessava seu país, poder-se-ia dizer que a aventura final de Gonçalo Mendes Ramires, a bordo do “*paquete Portugal*” com destino à África, configura-se como uma ação dispensável à consolidação do enredo, bem como à estruturação do próprio romance. Em outros

termos, esta obra, por uma série de outros elementos e dada às múltiplas possibilidades de leitura e interpretação, não depende do assunto relacionado à África para revelar-se grandiosa. Talvez, nesta mínima análise, encontram-se justificativas para o distanciamento narrador/autor para o restrito espaço dedicado à pauta africana, exatamente (reservado o exagero da provável coincidência) nas páginas finais do romance. Por outro lado, visto que ao retornar de África, após quatro anos, Gonçalo constatou que “*nada mudara no mundo [...], e a vida rolara, e tão sem história como rola um rio lento numa solidão*”, a ida para lá foi uma aposta frente a este cenário de morbidez e pouca mudança. De certa forma, Eça tenta mostrar o quanto as terras africanas seriam uma saída viável a Portugal, se tal façanha fosse realizada nos contornos de uma estratégia administrativa competente, que era, naquele momento um tanto conturbado, uma carência emergencial. Ironicamente, Gonçalo volta rico. Contudo, em Portugal, quatro anos depois, “*nada mudara*”, sua história ainda é um “*rio lento*”, como observa o narrador; por extensão, acreditamos ser esta a crítica irônica do próprio autor. Ao inserir na sua narrativa a pauta africana, mesmo com um comedido reducionismo espaço/temporal, Eça demonstra o quanto *A Ilustre Casa de Ramires* é uma obra ampla, que se redimensiona na possibilidade de se refletir a despeito de variados temas. Se a África neste romance não logrou receber tamanha dimensão no enredo, pelo menos gerou reflexão e análise. E se entendermos o quanto essa pauta foi ofuscada na produção literária finesseccular, já que, como foi dito, o então imenso continente africano ainda era um mundo distante e desconhecido, Eça, mais uma vez, mostra-se à frente de seu tempo, a despeito dos questionamentos necessários, como artista e como homem de pensamento elevado como ele foi.

Não há dúvida, portanto, a África é um tema caro à literatura portuguesa do século XIX. Talvez isso se deva ao inegável desconhecimento daquele continente, na época. Ou por desinteresse dos intelectuais da escrita, visto que outras temáticas seriam mais relevantes aos desejos de seus leitores, em alguns casos. Verdade seja dita, a maior parte dos escritores dessa época (talvez todos!) passou ao largo, ignorou a pauta africana. Eça de Queirós, por sua vez, não. Mas não a ampliou, como já ressaltamos; pelo contrário, a limitou aos contornos de *A Ilustre Casa de Ramires*, ainda assim em posição secundária. Além disso, referiu-se a ela de forma reduzida e desprovida de conteúdo, dando evidente sinal de que, naquele final de século, o mundo africano era uma discussão descabida frente a tantos outros temas dentro do cenário europeu.

Especificamente, não cabia também dentro do contexto da sociedade portuguesa, como muito se ocupou o pensamento queiroseano, quer na sua arte, quer nos seus artigos.

Convém mencionar que não há o que se questionar a respeito da grandeza e da contribuição de Eça de Queirós para a história da literatura universal. Este prestigiado homem das letras foi excepcional nesse ofício, tem incontáveis admiradores e influencia a escrita de muitos outros grandes escritores; quem lê ou leu Machado de Assis, entende o que estas linhas intentam expressar. Mais ainda, sabe-se que ele era um homem viajado e profundamente contextualizado com as questões sociais, políticas, históricas e ideológicas de seu tempo; no caso aqui, últimas décadas do século XIX. Não obstante, foi homem das letras, diplomata, jornalista e intelectual. Com este currículo, reunia em si todas as condições necessárias ao exercício crítico no que diz respeito às questões políticas relacionadas à África; sobretudo, os interesses comerciais e políticos que motivavam as ações e (por que não?) as reações de diferentes setores da sociedade portuguesa em relação àquele continente. Apesar disso, seu interesse maior voltou-se para as emblemáticas questões internas de seu país. Ou seja, privilegiou na cena literária, digamos assim, o universo português; mais precisamente as contradições, as hipocrisias, as crises, os amores, as paixões, as aventuras e desventuras do homem e da sociedade de sua época. A respeito de Portugal, Eça narrou, com a precisão necessária a um grande escritor, a história, a sociedade, a política, os dramas da alma e muitos outros temas. Neste sentido, escreveu, e escreveu muito, foi brilhante. Direcionou sua visão para o lado de dentro da porta e vislumbrou, com aguçado senso de humor e sensível percepção da realidade, as agruras de uma sociedade em ruínas, em particular o mundo burguês. Da porta para dentro, ou seja, em Portugal, ele viu e escreveu sobre muita coisa; dissecou a alma lusitana como poucos.

Mas, da porta para fora, o que Eça de Queirós viu ou escreveu?

Para além da fronteira portuguesa, da porta para fora, a narrativa de Eça visitou, por vezes, o espaço europeu, mais detidamente o francês e o inglês, conforme Graça V. Lopes (1984). O que procede deste continente configurará, nesta perspectiva, a representação do outro, do “estrangeiro”. É por isso que para Eça e

para os escritores portugueses de oitocentos, incansavelmente em busca de identidade nacional, se a imagem própria se procura continuamente no contraste com “o estrangeiro”, esse “estrangeiro” é

sempre, em qualquer caso, europeu: francês ou inglês, o outro é, pois, um próprio com a característica de possuir um grau superior de civilização (LOPES, 1984, p. 1).

O “outro” de Eça, e dos portugueses em geral, estava do lado de fora da porta, encontrava-se na Europa; mais precisamente na França ou na Inglaterra. A França, naquela época, era a efervescência cultural. Movida pelas inspirações da *Belle Époque*, irradiava modismos e tendências na Europa e fora dela. Não gratuitamente, por lá andaram Gonçalo (de *A Ilustre Casa de Ramires*), Basílio (de *O Primo Basílio*), Jacintinho (de *As Cidades e as Serras*) e alguns outros personagens queiroseanos – não-queiroseanos também, diga-se de passagem! – Outros escritores conduziram suas personagens a Paris. Se predominar aqui a máxima de que a arte imita a vida, também na capital francesa andou o próprio Eça de Queirós. Este amado escritor logrou fixar residência permanente em Paris a partir de 1888, permanecendo por lá até sua morte, em 1900. Em relação a Inglaterra, o distanciamento de Eça era maior, porém relativamente próximo, se comparado à África. Questões políticas moveram essa circunstância, vide o protagonismo desse país no episódio de 1890, conhecido como *Ultimato Inglês*. A humilhação foi tão mal digerida, que sequelou a alma lusitana e tensionou a pretensão expansionista no continente africano; Portugal se viu obrigado a reavaliar sua política de ocupação. Embora, como observou Carlos Reis na introdução de *A Ilustre Casa de Ramires*, publicada pela Biblioteca Fundamental de Literatura Portuguesa:

Eça não alinhou na retórica dos protestos exaltados e inconsequentes contra a Inglaterra e os seus interesses, antes alertou para a debilidade e para a inércia nacionais, responsáveis pela incapacidade de afirmar um poder colonial mais desejado do que efetivo (REIS, 2014, p. 27).

Pelo viés político, fica bem claro o posicionamento de Eça. Ante ao constrangimento externo, o caminho, na perspectiva queiroseana, era voltar-se para as questões domésticas ao invés de buscar possíveis (e, naquele momento, inviáveis, pelo que a história testifica) reparações diplomáticas. Considerável parcela da sociedade portuguesa – intelectuais em boa parte, junto com a sociedade aristocrática – unia-se neste coro: a necessidade de avaliar a “*incapacidade de afirmar um poder colonial*”. Esses tensos episódios (dentro e fora de Portugal) revelavam, na prática, efetiva

urgência de se arrumar a casa. Assim, como na literatura, o distanciamento de Eça, agora na política, em relação à África, mantém-se; isso reforça, com efeito, a postura coerente desse escritor, alinhando tal atitude ao seu modo de pensar o tema. Mais uma vez, o seu olhar mostra-se para dentro de Portugal, as causas de fora, por assim dizer, não lhe pareciam emergenciais. E mais uma vez é observada a evidente constatação de que o tema africano não o seduziu.

O mundo que Eça via – e atentava! – estava do lado de dentro da porta (Portugal); mas também, com menos atenção, do lado de fora (Europa). Foi a partir deste mundo que este ilustre escritor finessecular contemplou o avanço da ciência, as inovações tecnológicas, a aceleração industrial, a decadência humana, a crise dos valores, os excessos. No seu artigo intitulado *A Decadência do Riso*, publicado no jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*, em 1891, ele, chamando de mestre o escritor Renascentista François Rabelais (1494-1553), revela que se este vivesse a realidade do século XIX diria que “*chorar é próprio do homem*”. Um tanto cético, Eça constata em seu texto: “*Nós, com efeito, filhos deste século, perdemos o dom divino do Riso. Já ninguém ri!*”. No entanto, aqui, mais uma vez, a pauta africana entra em cena. Embora sem muita profundidade ou mesmo um embasamento metodológico, a África é mencionada por Eça. Perante um quadro de “*melancolia*” em que as obrigações cotidianas entristeceram a humanidade, cita ele, “*ninguém ri – e ninguém quer ri*”; é o declínio humano ante a uma sociedade em ruína, conforme W. Benjamin (1984). E a falta do riso, ou a decadência dele, por extensão, trata-se da decadência do próprio “*homem de ação e de pensamento*”, é a crise existencial que recai sobre “*o Grande Civilizado*”, que mais tarde, já nas primeiras décadas do século XX, Freud denominará de “*O mal-estar da civilização*” (FREUD, 2010, p. 01). Contudo, é exatamente em *A Decadência do Riso* que Eça diagnostica o modo efêmero da vida moderna, “*por causa da sua imensa civilização*”, que a África mais uma vez entra na pauta queiroseana. Escreve ele: “*O único homem sobre a terra que ainda solta a feliz risada primitiva é o negro, na África*”. Em seguida, outra constatação: “*Quanto mais uma sociedade é culta – mais a sua face é triste*”. Agora, longe do tal “distanciamento” literário e da postura política, a pauta africana se estabelece pelo viés, digamos, do exótico. A “*feliz risada primitiva*” a qual Eça credita ao negro africano, embora aponte para um olhar contemplativo por parte deste autor, em essência revela, mais uma vez, um distanciamento endossado por uma concepção, mesmo não intencionada, de que na

África habita o incomum, o esquisito, o exótico, aquele desconhecido e desprovido dos valores ocidentais, digamos assim, e não se enquadra nos padrões considerados normais pelo homem europeu. Se é verdade que a face será triste “*quanto mais a sociedade é culta*”, essa equação de causa e efeito não se aplica à sociedade africana, seguindo a lógica queiroseana, pois na África, pela sua condição de afastamento da cultura do ocidente, como se conclui, habita o “*único homem sobre a terra que ainda solta a feliz risada primitiva*”.

Vejamos o que isso significa.

Ora, ao que se sabe, nenhum estudo sobre o riso em África, que por ventura tenha sido realizado no século XIX ou antes, se fez notabilizar, e, acreditamos, não haver. Nesta linha de raciocínio, diga-se de passagem, o próprio mundo africano e suas idiossincrasias, que ainda hoje constituem intrigante mistério, naquele final do século XIX era um obstáculo quase que intransponível, dada a uma ocupação forçada, como já mencionamos, que estava nos moldes iniciais. África era um outro mundo a se desvendar, tanto quanto o mundo europeu, se considerarmos o ponto de vista do africano. O que se sabia na Europa daquele longínquo continente reduzia-se a relatos de viagem, especulações místicas e hipóteses não fundamentadas. Por outro lado, isso é bom de se atentar, existiam sociedades estruturadas em África muito antes da chegada pretensiosa dos europeus. É preconceito e ignorância achar que por lá as coisas só se organizaram a partir da imposição dos padrões ocidentais. Infelizmente, devemos admitir, numa guerra alguém sai vencido e alguém sai vencedor, e a história sempre desprestigia o lado mais fraco, como alude um provérbio africano. E assim se deu. Mesmo não tendo sido tão fácil e simples, como a versão oficial insiste em divulgar, a Europa venceu e subjuguou a África. Mais do que isso, dizimou muitos povos, desconsiderou sua cultura, mudou sua geografia e impôs novas línguas. Eça, como qualquer escritor de sua época, não tinha (nem teve!) proximidade com a sociedade africana, embora excursionou por lá no ofício da diplomacia. Ao eleger o riso africano, nos conduz à reflexão sobre a não-contaminação civilizacional que, até aquele momento, relegava à África a posição de inalterabilidade. A “*civilização material*” e os seus excessos ainda não a ameaçavam; havia uma pureza sugestiva e desejada pelo homem europeu, mas havia também uma inegável ignorância. De fato, em África não habitava o “*Grande Civilizado*”, mas habitava o homem, como em qualquer parte do universo, com cultura, língua, comportamento e com problemas, obviamente de outra

natureza e, seguramente, do desconhecimento do homem não-africano. É possível concordar com Eça que os males da “*civilização material*” matou o seu riso. O seu comprovado senso de observação, enriquecido pela convivência nesse cenário de degradação, testifica lamentável fato. Pelos mesmos fatores, no entanto, é possível a discordância quanto a ideia de felicidade aplicada ao riso africano. Observação à distância, convivência não consolidada e cultura não considerada favorecem conclusões excêntricas. O olhar de Eça para a África, por este viés, permanece distanciado.

Procuramos aqui analisar a visão queiroseana a respeito da pauta africana em três aspectos: literário, político e o exótico. Na pauta literária, a intenção foi a de perceber, concordando com Graça V. Lopes (1984), que a literatura do século XIX não conhecia a África, nem o africano. Utilizando-se como texto de referência o romance *A Ilustre Casa de Ramires*, a reflexão se deu a partir da construção de um discurso irônico e, ao mesmo tempo, crítico do narrador que, ao fazer uso de termos às vezes pejorativos e/ou às vezes agradáveis, colocou em paralelo a ida e a volta de Gonçalo Mendes Ramires à África com o início e o fim da sua obra novelística, demonstrando abertamente sua predileção ao tema relacionado à novela e o conseqüente distanciamento daquele continente, não só dele, narrador, como também do próprio autor, quando relegou o episódio africano às páginas finais da narrativa.

Na pauta política, a intenção deste artigo foi a de demonstrar, seguindo o apontamento de Carlos Reis (2014), a postura de Eça em se posicionar ideologicamente a favor de que seu país se voltasse para dentro dos limites portugueses. Na prática, percebeu-se aqui o quanto este autor repugnava a ideia de colonização, tendo em vista que Portugal ainda estava mergulhado em crises políticas, institucionais e financeiras. Motivado pelo Ultimato Inglês, a percepção desse escritor foi a de sugerir que a sociedade lusitana refletisse a respeito da sua incompetência administrativa e buscasse resolver suas questões internas, antes de aventurar-se em um projeto colonialista que, naquele momento, revelava-se inoportuno.

Por último, apresentou-se aqui a perspectiva do olhar exótico de Eça de Queirós sobre a pauta africana. A partir do texto de autoria do próprio Eça, *A Decadência do Riso*, percebeu-se o quanto este autor nutria vago conhecimento do continente em questão. Ao utilizar-se da expressão “*feliz risada primitiva*”, embora, acreditamos, tratar-se de um gentil afeto de um pensador, na essência, tal referência revela o abismo

entre o homem da “*civilização material*” e o negro africano que, neste contexto, pertencia à civilização não-material. Tal afirmação não se encontra embasada em nenhum pressuposto teórico, visto que a aproximação Europa/África ensaiava seus primeiros contatos efetivos a partir da Conferência de Berlim (1884/1885), apesar da chegada do europeu ao continente africano se dá a partir do século XIV. Percebe-se, com a leitura desse texto, que Eça de Queirós reveste-se, tão-somente, de uma afirmação descomprometida, fruto de uma percepção especulativa, ainda que bem articulada, que mais revela distanciamento do que aproximação com o ente africano. Na condição de observador atento, a finalidade do texto é a de denunciar a ausência do riso na face do homem europeu moderno angustiado pela chegada do progresso e pelos ditames da sociedade materialista.

Chegamos à conclusão, como já vimos sinalizando ao longo da análise, que Eça de Queirós, como legítimo homem do fim do século XIX e profundamente conectado com os fatos de sua época, além de escritor, foi um habilidoso pensador, crítico contundente e formador de opinião. Tudo o que produziu, de alguma forma, gerou reflexão e teve um fim proveitoso. Os ecos de suas obras, literárias ou não, ainda hoje causam atração e fascínio. Seu olhar para a África, pelos três aspectos aqui apontados, em última análise, é o olhar da civilização europeia para com a civilização africana: distanciamento e quase que total desconhecimento. Na prática, tratava-se de um olhar que concebia aquele continente como um lugar não-civilizado e que precisava ser conquistado, ainda que o pensamento queiroseano, dentro do contexto aqui trabalhado, e, acreditamos, o de outros pares portugueses, comungasse de posições contrárias; não por bondade talvez, mas pela sensível percepção de que havia muito o que se fazer dentro de Portugal, antes de se pensar numa investida sobre a África sem condições efetivas que sustentassem tal intento. Neste sentido, vimos que o advento do Ultimato Inglês, despertou nesse gênio, e com ele mais um grupo de pensadores ou não, postura contrária – deixemos de lado aqui outras motivações – ao projeto colonial. Percebe-se isso, como foi demonstrado ao longo deste artigo, pela sua elegante opção (como se espera de um grande escritor) por um notório distanciamento da pauta africana; claro sinal dessa assertiva. Retomando às primeiras proposições deste artigo, em Eça de Queirós, o interesse pela África existiu, manifestou-se de forma tímida, distanciada, exótica até, como se comprovou aqui. Para alguém que dissertou a respeito de tantos temas — e o fez com admirável competência! — seria, no mínimo, respeitoso de nossa

parte, contempladores da narrativa queiroseana, entender o quanto aquele continente, naquela época, e ainda hoje, se tem a revelar. A África é plural, de alguma forma Eça percebeu isso! Preferiu contemplá-la de longe e registrá-la de modo singelo, especulativo, a adentrar-se em terra desconhecida. Não por desconhecimento absoluto, mas, sobretudo, pelo perfil de escritor sério e comprometido com o saber... e com o saber dizer. Conforme a epígrafe destacada na página inicial deste artigo, acreditamos que este grande escritor, de fato, não se aproximou da sociedade africana pela simples conclusão de um legado pessoal de que, afirma ele, “*não pode haver ligação de almas onde não exista identidade de ideias, de crenças e de costumes*”.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Tradução, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

DIOP, Majhemout. *A política colonial de Portugal*. In: História Geral da África. (Trad. MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de São Carlos). – 2. Ed. – São Paulo: Cortez Editora, 2011.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

LOPES, Graça Videira. “*Gente preta*”-África na literatura portuguesa do século XIX. ICALP, 1984.

QUEIRÓS, Eça de. *A Ilustre Casa de Ramires*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

REIS, Carlos. Introdução. In: QUEIRÓS, Eça de. *A Ilustre Casa de Ramires*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A, Lisboa: 2014.